

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Departamento de Ciências da Informação

Laís Rosa dos Santos

**Os instrumentos empregados na indexação alfabética são representativos
da linguagem dos especialistas?**

Análise da especialidade Nutrição no DeCS

Porto Alegre

2006

Laís Rosa dos Santos

**Os instrumentos empregados na indexação alfabética são representativos
da linguagem dos especialistas?**

Análise da especialidade Nutrição no DeCS

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientação: Profa. Dra. Regina Helena van der Laan.

Porto Alegre

2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. José Carlos Ferraz Hennemann

Vice-Reitor: Prof. Pedro Cezar Dutra Fonseca

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof. Valdir José Morigi

Vice-Diretor: Prof. Ricardo Schneiders da Silva

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Profa. Iara Conceição Bitencourt Neves

Vice-Chefe: Profa. Jussara Pereira Santos

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Profa. Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Vice-Coordenadora: Profa. Neiva Helena Ely

S237 Santos, Laís Rosa dos.

Os instrumentos empregados na indexação alfabética são representativos da linguagem dos especialistas? : análise da especialidade Nutrição no DeCS / Laís Rosa dos Santos; orientação Regina Helena van der Laan. – 2006.

71 f., enc. ; 30cm

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

1. Biblioteconomia. 2. Terminologia. 3. Indexação Alfabética. I. Van der Laan, Regina Helena. II. Título.

CDU 025.4.06

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Campus Saúde

Bairro Santana

Porto Alegre – RS

Cep: 90035-007

Telefone: (51) 3316-5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

Laís Rosa dos Santos

**Os instrumentos empregados na indexação alfabética são representativos
da linguagem dos especialistas?**

Análise da especialidade Nutrição no DeCS

Monografia apresentada como requisito para
obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia
pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2006.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Regina Helena van der Laan

Profa. Ms. Glória Isabel Sattamini Ferreira

Profa. Ms. Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto

AGRADECIMENTO

Seria incorreto não agradecer a todos que me auxiliaram nesta etapa, no entanto é impossível citar todos os nomes, pois este trabalho foi construído com a vivência destes últimos oito anos, nos quais cursei estas duas graduações que transformaram minha vida: a Nutrição e a Biblioteconomia.

Então, apenas citarei aqueles que estiveram de maneira mais presente nesta caminhada, sem jamais esquecer todas as palavras de incentivo e de confiança dos colegas, amigos e familiares.

Agradeço imensamente à minha orientadora Profa. Regina Helena van der Laan, que sem dúvida nenhuma foi a maior mentora e amiga, afinal foi ela que há dois anos me abriu os olhos para este mundo imenso e encantador que é a representação temática. Em especial, a dedicação e a preocupação constante com que me foi dada esta orientação.

Agradeço à minha amiga de coração Juliane Gorgen Fragoso, primeira companheira e amiga desta jornada, constante presença e auxílio nas discussões de todos os semestres.

Agradeço ao meu irmão, Luciano, pelos questionamentos e o conhecimento em inglês, e aos meus pais, Antenor e Jô, pela confiança, apoio, dedicação com que por toda esta enorme jornada me auxiliaram sempre.

Agradeço ao meu namorado, amigo e companheiro Rudi pelas discussões e questionamentos e, principalmente, pelo amor e conforto em todo momento.

RESUMO

Verifica a representatividade dos instrumentos empregados na indexação alfabética em relação a linguagem de especialidade. O estudo inicia por uma coleta de termos, em situação discursiva, em artigos de periódicos nacionais, especializados em Nutrição, publicados no ano de 2005. Posteriormente, verifica a possibilidade de ocorrência dos termos específicos de Nutrição no DeCS, o vocabulário controlado selecionado para esta avaliação. Observa que 75% dos termos selecionados não estão representados no vocabulário controlado DeCS. Pode demonstrar que o DeCS, apesar de estar consolidado nas Ciências da Saúde, ainda tem inconsistências relacionada a área analisada. Conclui que é necessário para a elaboração e a manutenção de linguagens documentárias, um estudo terminológico acerca da linguagem de especialidade.

Palavras-Chave: Indexação Alfabética. Vocabulário Controlado. Terminologia. Nutrição. DeCS.

ABSTRACT

It verifies the representativity of the tools used in alphabetic indexing in relation to the specialized language. The study begins with term search, in a discursive situation, in national articles, specialized in Nutrition, published in 2005. Afterwards, it verified the possibility of occurrence of specific Nutrition terms in DeCS, the controlled vocabulary selected. It was found that 75% of the selected terms were not represented. It can show that the DeCS, even though it has been consolidated in Health Science, it still has inconsistencies concerning the analyzed area (esta parte não está em português). It concludes that a terminology study is necessary in such a specialized language, to elaborate and keep up the documentary language.

Key-words: Alphabetic Indexing. Controlled Vocabulary. Terminology. Nutrition. DeCS.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BIREME – Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde

CDD – Classificação Decimal de Dewey

CDU – Classificação Decimal Universal

DeCS – Descritores em Ciências da Saúde

MeSH – Medical Subject Headings

NLM – United States National Library of Medicine

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

TGT – Teoria Geral da Terminologia

TCT – Teoria Comunicativa da Terminologia

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 OBJETIVOS	11
2.1 Geral.....	11
2.2 Específicos.....	11
3 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	12
3.1 DeCS	12
3.2 Nutrição	13
4 REFERENCIAL TEÓRICO	15
4.1 Indexação	15
4.1.1 <i>Representação Temática</i>	16
4.1.2 <i>Recuperação da Informação</i>	17
4.2 Terminologia	19
5 METODOLOGIA.....	22
5.1 Tipo de Pesquisa	22
5.2 Sujeito.....	22
5.3 Corpus Textual.....	22
5.4 Procedimento de Coleta de Dados.....	23
5.5 Instrumento de Coleta de Dados	23
5.6 Instrumento para Armazenamento dos Dados.....	24
5.7 Procedimentos de Análise dos Dados	24
5.8 Limitações da Pesquisa	25
6 ANÁLISE DOS DADOS	26
6.1 Siglas e Abreviaturas	27
6.2 Flexão de Número.....	28
6.3 Vazios Terminológicos.....	29
6.4 Supressão de Parte do Sintagma Terminológico.....	30
7 CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICES.....	36
Apêndice A – Ficha de Coleta de Termos.....	37
Apêndice B – Lista dos Termos Coletados	39
Apêndice C – Tabela de Verificação dos Termos	56

1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual vivencia um momento de mudanças comportamentais em relação à comunicação e à informação. Afinal, a informação se tornou o bem mais precioso existente, possibilitando quaisquer ações sejam elas políticas, econômicas, militares, científicas. Evidentemente, este processo não aconteceu de maneira abrupta; ele vem ocorrendo gradualmente desde a Revolução Industrial, à medida que foram realizadas cada vez mais publicações sobre estudos realizados, opiniões acerca das sociedades e políticas, enfim, passou-se a registrar as informações.

O que realmente mudou nos últimos 15 anos foi a rapidez para disseminar o que é publicado. O desenvolvimento de tecnologias como a internet, permitiram agilidade na transmissão e na transferência de informações e possibilitaram uma recuperação praticamente simultânea com o momento da publicação, facilitando ainda mais para que houvesse uma maior cooperação entre os pares, favorecendo um desenvolvimento científico cada vez mais rápido.

Outro fenômeno que vem ocorrendo paralelamente ao crescimento do volume informacional é a especialização das ciências. Com o passar dos séculos, os estudiosos perceberam uma incapacidade do ser humano em dominar todos os assuntos e ainda aprofundar o conhecimento acerca de um pequeno aspecto de um determinado assunto. Assim, as ciências foram se subdividindo, a fim de permitir um estudo cada vez mais avançado. Porém, ao final deste período de grande especialização, ficou evidente que os assuntos são relacionados entre si, o que gerou um movimento para uma interdisciplinaridade entre os diversos campos do saber.

Todo esse avanço científico contribuiu para exibir uma limitação das Ciências da Informação, pois como afirma Naves (2001, p.189) "o aumento da produção científica aliada à crescente interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento que vem ocorrendo nas últimas décadas tem tornado o trabalho de organização e tratamento da informação cada vez mais árduo e complexo."

Neste processo, a indexação alfabética é cada vez mais uma atividade essencial para a organização e a recuperação de informações existentes em um acervo, esteja ele contido em uma biblioteca ou disponível na internet. Para tanto, o indexador deve ter a preocupação constante de saber se o instrumento por ele utilizado é efetivamente representativo em relação ao discurso dos especialistas. Afinal, a indexação visa "[...] facilitar a circulação da informação e documentos nas várias esferas da atividade humana." (KOBASHI, 1996, p.12).

Assim, surgiram novos desafios para a elaboração e a manutenção de instrumentos que visem auxiliar aqueles que realizam o processo de indexação alfabética, pois além de conhecer a área de

abrangência do instrumento é necessário ter noções das áreas de intersecção desta com outros campos do saber.

Como afirmam Souza e Manasfi (1996, p.48),

O tratamento da informação é um problema bastante complexo e de suma importância para os processos de geração e absorção de conhecimento. O desenvolvimento de instrumentos de apoio às atividades de geração, tratamento e recuperação da informação desempenha um papel importante naqueles processos.

Pretende-se cada vez mais permitir que qualquer usuário, em qualquer lugar, possa recuperar informações relevantes independentemente do nível de especialização que possui. No entanto, percebe-se que a representação temática das informações e/ou documentos não tem conseguido acompanhar esse ritmo, especialmente em relação às atualizações e inclusões de variantes usadas no discurso dos especialistas.

Esta problemática despertou o interesse da acadêmica, pois a mesma já era graduada em Nutrição quando iniciou o curso de Biblioteconomia e, assim, pôde perceber que muitas dificuldades enfrentadas em buscas de informação ao longo da graduação em Nutrição tinham relação direta com os instrumentos utilizados para a indexação alfabética dos documentos. Os estudos realizados ao longo da graduação em Biblioteconomia sobre a organização e a elaboração de bases de dados permitiram diferenciar as deficiências de um sistema de inserção incorreta dos dados, tornando possível que a acadêmica tivesse condições de analisar um instrumento que compreenda a Nutrição como uma de suas especialidades.

Este trabalho visa especificamente verificar o quanto os instrumentos para indexação consolidados têm se mantido atualizados e conseqüentemente representativos nas áreas que abrangem. Para isso foi feito um recorte em um vocabulário controlado, analisou-se a especialidade Nutrição no *Descritores em Ciências da Saúde* (DeCS).

Então, foi possível sintetizar o problema deste trabalho com a seguinte pergunta: **Um especialista, utilizando a terminologia que domina, consegue recuperar informações pertinentes e relevantes em bases e/ou bibliotecas que utilizem o DeCS como instrumento para indexação alfabética?**

2 OBJETIVOS

Para a realização deste trabalho tinha-se os seguintes objetivos.

2.1 Geral

Verificar a representatividade dos descritores relativos à especialidade Nutrição no DeCS em relação aos termos expressos no discurso dos especialistas.

2.2 Específicos

- Coletar os termos empregados no discurso dos especialistas da área de Nutrição;
- verificar se os termos coletados em situação discursiva encontram-se representados no DeCS, como descritores autorizados e/ou variantes.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO

Para um melhor entendimento dos objetos analisados fez-se uma breve contextualização do instrumento de indexação, o DeCS, e da área de especialidade, a Nutrição.

3.1 DeCS

Para a verificação, escolheu-se um vocabulário controlado já consolidado e testado na sua área de abrangência, o DeCS¹. Ele tem por finalidade servir de linguagem padrão para a indexação alfabética e a recuperação de informação das bibliotecas dos componentes do Sistema Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, coordenado pela Bireme, e no qual atualmente participam 37 países. Este vocabulário originou-se da tradução do *Medical Subject Headings* (MeSH), cabeçalhos de assunto da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos (NLM), criado em 1954 e baseado nas classificações decimais; esta tradução e conseqüente adaptação e desenvolvimento foi realizado pela Bireme desde 1986 (BOCCATO; FUJITA, 2006; CASTRO, 2001; PELLIZON, 2004).

O DeCS abrange a área das Ciências da Saúde; e esta é uma área extremamente vasta e interdisciplinar, o que dificulta a sua organização. Mantém semelhanças com o MeSH, entre elas: as categorias, a estrutura híbrida de pré e pós coordenação e a atualização (inserção, deleção e alteração de termos). Contudo, foram feitas algumas adaptações para a América Latina, como a presença dos termos em três idiomas (português, inglês e espanhol) e a inserção de categorias não contempladas, consideradas importantes para a região. São elas: a Saúde Pública (criada em 1986), a Homeopatia (criada em 1991), a Ciência e Saúde e a Vigilância Sanitária (criadas em 2005). É desenvolvido, atualmente, em conjunto com vários centros de informação, denominados centros cooperantes, que estão divididos entre as especialidades contempladas pelo vocabulário (BOCCATO; FUJITA, 2006; CASTRO, 2001; PELLIZON, 2004).

O DeCS não se considera um tesouro, e sim um vocabulário estruturado. No entanto, para este trabalho, foi considerado como um tesouro, por possuir as principais características destes: as relações

¹ Disponível no site <<http://decs.bvs.br>>

hierárquicas e de equivalência, notas de escopo (no DeCS, chamadas de notas de indexação) e, em muitos casos, definições dos descritores.

Duas características do DeCS merecem destaque. A constante atualização de suas categorias, como, por exemplo, a revisão em Saúde Pública, publicada em 2006. E, também a existência dos mesmos termos em mais de uma categoria sem uma documentação suficiente que oriente o usuário na localização hierárquica. Isto ocorre com a Nutrição, que simultaneamente está presente nas categorias *Ciências Biológicas*, *Ciência e Saúde* e *Saúde Pública*.

As buscas podem ser realizadas através da consulta por palavras ou por índice, podendo ser selecionado o idioma do descritor pesquisado. Na consulta por palavras têm-se duas opções: *palavra ou termo* e *descritor exato*. Em *palavra ou termo*, a pesquisa realizada retorna todas as ocorrências da expressão digitada, seja descritor, sinônimo² ou ainda parte destes. Já em *descritor exato*, a única possibilidade de retorno de uma expressão digitada é a ocorrência deste sintagma como descritor.

Na consulta por índice têm-se as modalidades: *alfabético*, *permutado* e *hierárquico*. O *índice alfabético* traz a listagem, ordenada alfabeticamente, de todos os descritores e sinônimos. Isto possibilita a realização de buscas através da digitação de uma expressão ou a rolagem da lista, selecionando a letra inicial. O *índice permutado* permite que seja feita a recuperação da expressão digitada em qualquer parte de um descritor ou sinônimo. Já no *índice hierárquico*, é possível pesquisar digitando uma expressão ou navegando nas categorias existentes.

3.2 Nutrição

A importância da alimentação na saúde já era declarada por Hipócrates, o pai da Medicina, desde a Grécia Antiga (McCOLLUM, 1957). No entanto, a Nutrição, como campo de estudo, somente pôde ser idealizada a partir das descobertas sobre: oxidação, calorias e valor calórico dos alimentos com Lavoisier no século XVIII; os elementos químicos componentes dos organismos dos seres vivos no século XIX; e o descobrimento dos aminoácidos, das proteínas, dos ácidos graxos, das vitaminas e da relação entre alimentação e doença no século XX. Iniciou-se no período entre as duas Grandes Guerras com a criação de centros de estudos na Europa e nas Américas. Foi efetivada quando, ao longo do século XX, houve a necessidade de profissionais habilitados nesta especialidade. Surgiu

² O DeCS utiliza a denominação sinônimo em vez de descritor não-autorizado, variante ou equivalente.

como uma especialização da Medicina que se preocupava com os aspectos preventivos e curativos dos alimentos (VASCONCELOS, 2001b, 2002).

Tem particularidades de interesse e foco de atenção nos diversos lugares do mundo, ou seja, o enfoque dado à Nutrição no Brasil é diferente do dado nos Estados Unidos ou Grã-Bretanha, por exemplo. Por isso, é fundamental que um instrumento de representação desta área tenha claro para qual lugar está direcionado e perceba estas nuances diferentes em cada vertente.

No Brasil, o estudo da Nutrição foi iniciado nas décadas de 1930 e 1940, porém o interesse e a preocupação com a alimentação são anteriores a esta data. (VASCONCELOS, 2001a, 2001b, 2002; MAURÍCIO, 1964). Teve como marco histórico, segundo Maurício (1964, p.120), “[...] a viagem em 1932 do Professor Pedro Escudero. [...]. Esta viagem fez despertar a atenção de um grupo eminente de intelectuais e médicos da época para a nutrição.”

Originou-se então decorrente do cenário conturbado destas décadas com o processo de modernização da economia brasileira e com a guerra na Europa, em que a preocupação na obtenção de caminhos diferenciados para a manutenção da saúde eram evidentes. Segundo Vasconcelos (2002, p.128-129),

[...] duas correntes bem definidas e distintas do saber médico confluíram para a constituição do campo da Nutrição. De um lado encontravam-se os partidários da corrente que chamamos de perspectiva biológica, preocupados essencialmente com aspectos clínicos-fisiológicos relacionados ao consumo e à utilização biológica dos nutrientes e influenciados por concepções das Escolas de Nutrição e Dietética norte-americanas e de centros europeus. [...] De outro lado encontravam-se os adeptos das idéias da corrente que chamamos de perspectiva social, preocupados com aspectos relacionados à produção, à distribuição e ao consumo de alimentos pela população brasileira e influenciados, principalmente, pelas concepções do pioneiro da Nutrição na América Latina, Pedro Escudero.

Denota-se com estas considerações que a Nutrição é de caráter interdisciplinar, desde sua concepção, uma vez que se alicerça nas diferentes matérias que interagem com a alimentação humana, seja de natureza biológica ou química. Está, assim, conectada a diferentes especialidades como Anatomia, Fisiologia, Patologia, Microbiologia, Bromatologia e Bioquímica, entre as principais.

Pode-se afirmar que a Nutrição se ocupa dos estudos relativos à alimentação e às interferências na saúde dos indivíduos e da coletividade, tendo importância todos os aspectos relacionados a estes fenômenos.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Observando que este trabalho visa avaliar a representatividade dos descritores utilizados para a indexação alfabética e que, segundo Kobashi (1989, p.47) “a análise documentária tem por objetivo representar conteúdos de documentos, tendo em vista um fim pragmático: a recuperação da informação”, pretende-se realizar uma revisão da literatura suficiente para fornecer subsídios mínimos para a posterior análise dos dados.

É importante analisar estas questões (representação temática e recuperação da informação) antes do tratamento da informação em si, pois possibilita assim a criação de instrumentos que facilitem a missão do indexador e do usuário. Afinal, todo o fazer biblioteconômico está relacionado à comunicação documentária que segundo Lara (1993, p.72) “[é um] processo que envolve a codificação e decodificação de conteúdos informacionais, ou seja, o tratamento e a recuperação da informação.”

Partindo deste ponto esta pesquisa entra no cerne da indexação alfabética, pois pretende verificar se um instrumento consagrado, como o DeCS, realmente facilita ao usuário final a recuperação de documentos pertinentes ao tema que estuda.

4.1 Indexação

O ato de elaborar índices é denominado de indexação. Este processo desencadeia situações de comunicação documentária ao representar um documento tanto descritiva quanto tematicamente.

Assim é possível fornecer dados suficientes sobre um documento, ratificado por Kobashi (1996, p.12):

Embora a informação documentária seja obtida, de um lado, pela neutralização do poder expressivo do texto e, de outro, seja moldada segundo regras previamente determinadas, prevalece a idéia de algo que, apesar de ser formalmente diferente do original [...] é equivalente a ele, do ponto de vista do conteúdo informacional. Nesse sentido, a informação documentária é uma representação condensada, construída a partir de um objeto efetivamente presente – o documento.

Para ambos tipos de representações são necessários estudos prévios para identificar as necessidades dos usuários abrangidos diretamente por eles. Especialmente, em relação a representação temática, visto que é possível uma mesma área de especialidade ter diferentes graus de especialização, interferindo nas capacidades de busca do usuário.

De maneira geral, em índices descritivos tem-se informações como autor, título, imprensa, extensão, suporte físico; e os índices temáticos, informações a respeito do assunto abordado no documento.

4.1.1 Representação Temática

A representação temática procura fornecer dados suficientes sobre a abrangência do tema tratado em um certo documento, ou melhor:

[...] as operações documentárias com conteúdos de textos [representação temática] partem do pressuposto de que é possível identificar a informação principal dos mesmos, com o objetivo de construir representações que mantenham relação de semelhança com o original. (KOBASHI, 1996, p.14).

Portanto, qualquer atividade que tenha a finalidade de permitir a determinação do tema de um documento estará realizando uma representação temática, seja a representação numérica, classificação, ou alfabética.

A classificação ocorre utilizando-se sistemas que permitem a representação dos assuntos através de códigos numéricos, como a CDD e a CDU. É um elemento de difícil entendimento e, por isso, atualmente é utilizado apenas para a localização dos documentos dentro de uma unidade de informação. Em razão da dificuldade no entendimento das classificações por parte dos usuários, já que essas classificações utilizam códigos para representar assuntos, passou-se a utilizar as palavras para esta função, criando índices alfabéticos de assuntos, assim facilita o acesso do usuário ao documento procurado.

Para alguns estudiosos, a indexação alfabética é o processo mais nobre do fazer biblioteconômico, pois ela, conforme Naves (2001, p.189) “[...] é considerada como processo básico na recuperação da informação e, dentro desse processo, ocorre a compreensão e a interpretação do conteúdo informativo do documento [...]” Dias et. al. (2001) também compartilham estas impressões, acrescentando que este processo é um dos mais complexos de um sistema de recuperação da informação.

A indexação alfabética é executada em duas etapas: a análise de assunto e a tradução. A análise de assunto é a etapa em que o documento é analisado e se extrai o seu conteúdo através dos conceitos presentes. Na tradução, os conceitos extraídos serão convertidos nos descritores autorizados existentes na linguagem documentária utilizada. Considerando, ainda, que no momento da

indexação ocorrem simultaneamente três linguagens diferentes: a natural, a especializada e a documentária (CUNHA, 1989; NAVES, 2001).

A maior questão referente a indexação alfabética pode ser sintetizada pela afirmação de Tálamo et. al. (1992, p.197)

[...] pode-se considerar que a questão crucial – e também a mais controvertida – entre documentos e linguagens documentárias expressa-se nos princípios que regulam as operações de representação.

Para tentar diminuir problemas decorrentes desta questão deve-se atentar para os instrumentos utilizados na indexação alfabética. Estes instrumentos podem ser listas de cabeçalhos de assuntos e/ou tesouros, que necessitam de planejamento e de políticas para a elaboração e manutenção dos mesmos para que possam ter uma boa representatividade.

Como dito anteriormente, a utilização de linguagens documentárias visa facilitar a recuperação da informação em sistemas informatizados e/ou manuais. E a aplicação da terminologia tende a ser um facilitador a todos que elaborem e, principalmente, realizem a manutenção destas linguagens.

Neste contexto, encaixam-se perfeitamente os tesouros, afinal “sua estrutura fornece um vocabulário uniforme para indexar a informação e permite aos seus usuários uma forma intuitiva e organizada de pesquisar assuntos de seu interesse [...]” (CAMPOS et. al., 2006, p.71).

É imprescindível a realização de um planejamento antes da elaboração do tesouro, pois “[...] a forma de elaboração do tesouro vai influir na sua eficiência.” (CAMPOS et. al., 2006, p.71). Para a sua elaboração é necessário que seja baseada ou na garantia literária, ou na garantia de uso, já que ambas proporcionam semelhança entre a linguagem documentária e o discurso dos especialistas. Além de possibilitar, com o uso da terminologia, uma metodologia mais rigorosa (CINTRA et. al., 1994; TÁLAMO et. al., 1992).

Nos tesouros há uma preocupação com a normalização dos descritores quanto ao gênero (masculino ou feminino) e ao número (singular ou plural). São utilizadas na sua estrutura relações hierárquicas, associativas e de equivalência entre os descritores (CINTRA et. al., 2002).

4.1.2 Recuperação da Informação

Ao tratar de recuperação da informação tem-se implicitamente a idéia da realização de buscas pelos usuários, ou solicitadas por eles, para suprir uma necessidade informacional existente (FURNIVAL, 2002). Assim, é possível afirmar que a recuperação da informação é a atividade-fim do profissional da informação, em particular, do bibliotecário, visto que esta ação é o objetivo da

organização de um sistema de informação e as demais atividades desenvolvidas pelo bibliotecário no exercício profissional estão relacionadas a esta. Portanto, preocupar-se com a recuperação da informação é fundamental qualquer que seja a função exercida pelo profissional dentro de uma unidade de informação.

No que tange especificamente a esta pesquisa é necessário recordar que “[...] as terminologias exercem a função comunicativa. Destinam-se à consulta de especialistas, servindo de intermediárias entre o referente ou a realidade dos objetos e os utilizadores.” (CINTRA et. al., 1994, p.79). Por isso, é tão importante e relevante o estudo sobre os termos utilizados pelos especialistas no seu discurso. E, principalmente, em bibliotecas especializadas nas quais os bibliotecários e/ou indexadores não são especialistas no assunto, mas devem trabalhar com instrumentos confiáveis que favoreçam a recuperação da informação, pois “[...] a elaboração e a operação com linguagens documentárias não prescindem de um conhecimento da área em que se aplicam, devemos supor sempre a terminologia como subsídio para a atividade documentária.” (TÁLAMO et. al., 1992, p.199).

Pode-se chegar a um consenso ao afirmar que “[...] a eficácia da recuperação da informação depende de todo o processo de indexação, ou seja, da análise temática dos documentos, da correta determinação de temas pertinentes para serem indexados e do vocabulário utilizado para representar esses tópicos.” (VAN DER LAAN, 2002, p.11).

Cabe lembrar que o usuário, principalmente no caso de especialistas, possui o seu vocabulário específico, o qual mantém a representatividade do discurso da especialidade. Logo, devemos recordar a importância da rede de remissivas, afinal visam “encaminhar o usuário para os termos preferidos pelo sistema. Constitui-se, desse modo, uma chave de acesso ao sistema.” (CINTRA et. al., 2002, p.46). Conseqüentemente, as remissivas são essenciais para a recuperação da informação, especialmente, quando a pesquisa é feita pelo próprio usuário. Neste sentido, Cintra et. al. (1994, p.81) afirmam que “[...] o conjunto de não-descritores destina-se a compatibilizar a variabilidade dos sistemas lingüísticos presentes no processo documentário.”

Convém recordar que um vocabulário controlado visa servir de instrumento para a **representação** de documentos. Portanto, é necessária a inserção dos termos equivalentes, permitindo a continuidade da diversidade lexical. Uma vez que na literatura, especializada ou não, ocorrem diversos termos correspondentes ao um mesmo conceito; pois, a linguagem é de natureza dinâmica e está em constante alteração.

No entanto, o indexador deve ter muito cuidado quando utiliza algum instrumento que não traga informações sobre o seu uso, pois, conforme Lara (1993, p.77) “[...] a ausência de definições nas LDs [linguagens documentárias] [...] é responsável pelo uso indiscriminado da equivalência lexical.”

Sabendo que se o uso de equivalente for executado sem um rigor, pode levar o usuário, no momento da recuperação da informação, a não recuperar a informação desejada.

4.2 Terminologia

Terminologia “[...] tanto pode significar os termos técnico-científicos, representando o conjunto das unidades lexicais típicas de uma área científica, técnica ou tecnológica, quanto o campo de estudos.” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p.13). Esta acepção está mais bem detalhada por Cabré (2004, p.10) que divide a terminologia em três: “como disciplina é a matéria que se ocupa dos termos especializados; como prática é o conjunto de princípios destinados à compilação de termos; e, como produto, é o conjunto de termos de uma determinada área de especialidade.”

De um modo geral, para a realização de qualquer uma das acepções são necessários elementos pertencentes a outros campos do saber, tais como a Lingüística, a Ontologia, a especialidade analisada e a Documentação (ou Ciências da Informação) (CABRÉ, 2004). Por este aspecto pode-se afirmar, como Cabré o fez em 1995, que a “Terminologia é uma interdisciplina”.

A formalização deste campo de estudo foi iniciada por Wüster na década de 30, ao organizar a terminologia da área de Eletrotécnica (CAMPOS, 2001; KRIEGER; FINATTO, 2004). Esta área do conhecimento ainda está sendo consolidada nos diversos universos em que pode ser aplicada, para a elaboração de dicionários e glossários ou na utilização por tradutores.

O foco de interesse neste trabalho sobre a terminologia é evidenciado na afirmação de Kobashi (1996, p.13):

[...] a terminologia tem como objetivo fundamental a seleção e criação de termos para noções de domínios específicos, e sua fixação por meio da definição. As linguagens documentárias operam, por sua vez, em campos do conhecimento especializado, para descrever e tornar recuperáveis os textos aí produzidos. Desse modo, a operação de construção de linguagens documentárias supõe, necessariamente, os instrumentos terminológicos como fontes de referência.

A Terminologia “[...] limita-se a contribuir com elementos teóricos – e princípios práticos – capazes de direcionar a busca, seleção e ordenamento dos termos próprios dos campos de especialidade, com a finalidade de normalizar sua forma e conteúdo.” (CABRÉ, 2004, p.19).

Obteve importância a partir da consolidação de idéias como a de Benveniste³ (1989, p.252 apud KRIEGER; FINATTO, 2004, p.17)

³ BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

Uma ciência só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através de sua denominação. Ela não tem outro meio de estabelecer sua legitimidade senão por especificar seu objeto denominando-o, podendo este constituir uma ordem de fenômenos, um domínio novo ou um modo novo de relação entre certos dados.

No decorrer da teorização da Terminologia, esta começou a ganhar nuances bastante diversificadas. Como as explicitadas a seguir.

A Teoria Geral da Terminologia (TGT) foi elaborada por Eugen Wüster a partir de sua tese de doutorado acerca da terminologia de Eletrotécnica. Esta teoria tem um forte caráter metodológico, prescritivo e normalizador focalizado no conceito (CLAS, [2001?]; KRIEGER, 2001). A intenção destes estudos era a padronização dos termos técnico-científicos com a finalidade de atingir a univocidade internacionalmente (KRIEGER; FINATTO, 2004).

Como bem afirmam Krieger e Finatto (2004, p.20-21),

[...] para Wüster, a terminologia de uma área é, em sua natureza, a expressão de um conhecimento científico, logicamente estruturado. Nesse sentido, os termos refletem fundamentos conceituais, bem como representam a apreensão da essência dos fenômenos estudados pelas especializações. Nessa ótica, o papel maior da área é organizar e divulgar os termos técnico-científicos como forma de favorecer a univocidade da comunicação especializada.

Sinteticamente, a TGT ignora os aspectos lingüísticos da linguagem de especialidade, tentando ao máximo evitar ambigüidades que pudessem desfavorecer o estabelecimento da univocidade dos termos, reduzindo drasticamente a diversidade lexical e atrapalhando o processo de evolução lingüística, sendo este o foco de crítica a esta teoria (FAULSTICH, 1995; KRIEGER, 2001).

A partir destas críticas à TGT foram iniciados estudos teóricos baseados nas palavras em funcionamento, ou seja, expressas no discurso do especialista, como é defendido por Maria Cabré. Sendo assim, pode-se delimitar exatamente em que situações elas ocorrem, podendo enfim chegar a uma definição (ou conceito) e a suas variantes (CINTRA et. al., 2002; LARA, 1993).

Têm-se assim, pelo menos, dois novos pontos de vista: a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) e a Socioterminologia. Não se pretende neste trabalho realizar grandes considerações sobre cada um desses enfoques, mas sim evidenciar alguns pontos comuns que são indispensáveis na elaboração de linguagens documentárias. Para ambos é essencial o estudo dos termos inseridos nos textos, pois este é o "habitat natural das terminologias", e a partir dele é possível verificar todas as suas nuances de significado, podendo assim realmente construir uma definição coerente na especialidade analisada (KRIEGER; FINATTO, 2004). Por isso seu objetivo "[...] é descrever formal, semântica e funcionalmente as unidades que possam adquirir valor terminológico [...]" (CABRÉ, 1999, p.124; tradução nossa).

Temmerman (2004, p.39-40) justifica bem qual a validade de se utilizar os textos como ponto de partida para a determinação de uma terminologia.

Arquivos textuais contêm as informações factuais necessárias para demonstrar que há três razões simultâneas para a polissemia. A primeira delas é a transformação no mundo em decorrência de uma nova tecnologia ou transformação social. Uma segunda razão pode residir no nível cognitivo: uma transformação no entendimento da categoria. Uma terceira razão reside nas possibilidades e limitações oriundas da totalidade dos elementos de transformação inerentes à linguagem enquanto sistema. Isto implica, por um lado, que a estrutura prototípica das categorias permite uma evolução posterior de sentido e, por outro, que elementos na linguagem se influenciam e se limitam uns aos outros mutuamente.

Também, recorre-se à aceção de Adelstein e Feliu (2004, p.117), que explicitam detalhadamente a importância da contextualização dos termos.

Seguindo uma visão comunicativa da terminologia, partimos da base de que uma unidade léxica não é per se nem palavra nem termo, mas é uma forma da língua natural relacionada a uma grande quantidade de informação semântica (conjunto de traços semânticos diferentes) e que adquirem um valor geral ou especializado quando aparecem em um contexto de uso em particular. Portanto, uma mesma unidade léxica pode adquirir valores terminológicos ou especializados diferentes, segundo o âmbito temático em que é utilizada. Vemos, então, que a unidade léxica descontextualizada é altamente polissêmica e pode representar potencialmente conhecimento especializado muito variado: conhecimento relativo a diferentes âmbitos, teorias, pontos de vista, escolas, autores, etc. No entanto, essa polissemia se restringe ao máximo com o uso, já que, na realidade, graças ao contexto lingüístico e ao contexto situacional, a unidade léxica tem um funcionamento basicamente monossêmico.

Em decorrência destas características dos novos enfoques da Terminologia, ficaram mais próximas a Terminologia e a Documentação (ou Ciências da Informação), em especial as linguagens documentárias. Conforme Krieger e Finatto (2004) e Adelstein e Feliu (2004), os termos compartilham duas funções: a de representação e de transmissão do conhecimento especializado.

Deste modo, além do já mencionado, são fundamentais a explicitação da variância e o conhecimento do perfil do usuário para o qual se destina a terminologia; com isso é possível obter eficiência e eficácia na recuperação de informações através do instrumento criado (ADELSTEIN; FELIU, 2004; FAULSTICH, 1995).

Em suma, toda a metodologia utilizada para a determinação de termos, definições e variantes suporta perfeitamente a elaboração de linguagens documentárias. Sendo isto confirmado pela afirmação de Lara (1993, p.75) "a Terminologia funciona, nesse sentido, como base legal para a construção e o uso das LDs [linguagens documentárias], permitindo a efetivação da comunicação em sistemas documentários."

Portanto, cabe cada vez mais a utilização da Terminologia para a sustentação de linguagens documentárias, pois, a Terminologia, ao fornecer dados fidedignos acerca da especialidade, permite que o indexador não necessite ter domínio da respectiva área, e sim, se apóie em instrumentos representativos da especialidade.

5 METODOLOGIA

Neste capítulo está explicitada a metodologia utilizada para este trabalho.

5.1 Tipo de Pesquisa

O trabalho realizado caracterizou-se como pesquisa avaliativa sob aspecto qualitativo.

5.2 Sujeito

Descritores do DeCS, em português, relativos a especialidade de Nutrição.

5.3 Corpus Textual

Para a composição do *corpus* textual foram utilizados os critérios: tipo de literatura, idioma, período, acessibilidade e qualidade. A sua determinação baseou-se nos seguintes aspectos:

- tipo de literatura – artigos originais de periódicos nacionais correntes, pois estes são baseados em pesquisas aplicadas e, assim, tem-se uma maior liberdade para utilização de termos equivalentes do que em artigos derivados de pesquisas bibliográficas;
- idioma – português, devido a proposta deste estudo de avaliar os descritores expressos em português;
- período – 2005, para obter uma amostra atual do discurso dos especialistas;
- acessibilidade – disponível na internet e/ou pertencentes aos acervos das bibliotecas das Faculdades de Nutrição da UFRGS e da PUCRS, em razão do tempo de realização deste trabalho procurou-se as bibliotecas de mais fácil acesso para a acadêmica;

- qualidade – periódicos avaliados pela Capes, independentemente da nota obtida por nesta avaliação.

Portanto, o *corpus* textual foi constituído por artigos originais, publicados em periódicos nacionais correntes, em português, no ano de 2005, disponibilizados na internet e/ou pertencentes ao acervo das bibliotecas das faculdades de Nutrição da UFRGS e da PUCRS e avaliados pela Capes, resultando nos seguintes periódicos: *Revista de Nutrição*, editada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (disponibilizado na internet); *Nutrição em Pauta*, editada pelo Núcleo Consultoria; *Nutrição Brasil*, editada pela Editora Atlântica; *Nutrire*, editada pela Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição (pertencentes aos acervos das bibliotecas da UFRGS e da PUCRS).

5.4 Procedimento de Coleta de Dados

A coleta dos dados ocorreu selecionando-se os termos por meio da leitura do título, resumo e palavras-chave. Estes elementos são representativos em relação ao assunto a ser tratado no corpo do artigo, e neles estão registrados a terminologia preferida pelo autor, ou seja, como o autor se refere a determinado assunto, e, principalmente, o termo que ele utilizará para novas buscas de informações sobre o mesmo assunto. Após a seleção, foi feita a leitura do artigo com a finalidade de coletar contextos nos quais os termos estivessem inseridos em situação discursiva e, quando houvesse isso, as definições do termo dadas pelo autor.

Estes dados foram registrados manualmente em formulário próprio, no momento da coleta realizada nas bibliotecas, e estão armazenados em uma base de dados destinada e modelada para a pesquisa.

5.5 Instrumento de Coleta de Dados

Para a coleta dos termos foi elaborada uma ficha de registro (Apêndice A) baseada em fichas utilizadas em pesquisas semelhantes, e por esta razão não houve necessidade de testá-la. Na ficha foram registrados os dados referentes a: termo, variantes, fonte, contexto, definição e data. Foram definidas estas como as informações a serem coletadas, pois a partir destes dados pode ser elaborado

um glossário e conseqüentemente um vocabulário controlado e/ou um tesouro. Estes produtos não fazem parte dos objetivos desta pesquisa, mas são necessários para a análise que foi realizada nesta.

Em *termo* foi registrado o termo selecionado no título, resumo ou palavras-chave; em *variante*, as variações do termo encontradas no artigo lido; em *fonte*, as informações referentes ao artigo (autor, título, periódico, volume, número e ano); em *contexto*, trechos nos quais o termo está em situação discursiva, evidenciando as marcas semânticas; em *definição*, trechos em que o autor define o termo; e em *data*, a data em que foi feita a coleta.

5.6 Instrumento para Armazenamento dos Dados

Os dados coletados foram armazenados em uma base de dados que foi elaborada para este fim. Optou-se pela elaboração de uma base utilizando o Winisis que é desenvolvido pela Unesco e amplamente usado em bibliotecas do mundo inteiro, pois este *software* necessita de pouca memória e permite uma excepcional recuperação. Isso ocorre porque junto à base é criado um índice que diminui drasticamente o tempo para a resposta em uma busca, além de permitir diversas modalidades de indexação dos campos.

Esta base visou especificamente facilitar a armazenagem e agilizar a elaboração das listas de termos e variantes coletados. A base possui os campos existentes na ficha de registro, respeitando as mesmas indicações de preenchimento.

5.7 Procedimentos de Análise dos Dados

Para a análise de dados foi necessária a realização dos seguintes passos: a) foram listados todos os termos e suas variantes encontrados no discurso especializado; isto ocorreu com o auxílio da Base de Dados em que os mesmos estavam armazenados; e, b) foram realizadas pesquisas na Base DeCS com a finalidade de verificar a existência dos mesmos na base; para a execução desta etapa foi utilizada a busca por *palavra ou termo* com o termo exato encontrado na coleta.

Foi determinada esta modalidade de busca, pois assim é possível verificar a ocorrência, como descritor autorizado e/ou sinônimo, simultaneamente.

Ao final, foi possível verificar a representatividade do instrumento, constatando se os termos recuperados através do discurso dos especialistas estão contemplados no vocabulário.

5.8 Limitações da Pesquisa

Esta pesquisa teve como limitantes:

- tempo para a realização;
- coleções incompletas dos periódicos analisados.

6 ANÁLISE DOS DADOS

A aplicação desta pesquisa partiu da coleta dos termos expressos no discurso dos especialistas e, posterior, verificação destes no DeCS. Foram extraídos do título, palavras-chave e resumos dos artigos originais dos periódicos especializados setecentos e sessenta e quatro termos⁴.

Preferiu-se separar os termos entre os específicos de Nutrição, foco da pesquisa, e os interdisciplinares. Restaram quinhentos e treze termos específicos de Nutrição e foram estes os verificados quanto à presença como descritor ou sinônimo no DeCS. Para melhor identificação, os termos coletados que aparecem no texto estão sublinhados.

Durante a coleta dos termos, já ficaram evidentes algumas peculiaridades da especialidade analisada, como a utilização de termos equivalentes, especialmente, em relação ao resumo e às palavras-chave; a supressão de parte do sintagma terminológico; o acréscimo de termos nas palavras-chave, sem o assunto ser mencionado no título ou no resumo; a flexão de número para diferenciar termos e a utilização de termos de especialidades diversas.

Constatou-se que há uma grande utilização de termos equivalentes em um mesmo artigo. Observou-se que na maioria dos artigos utilizados na pesquisa foram escritos por vários autores, o que poderia explicar essa diversidade lexical, já que é comum que cada autor traga consigo as suas preferências terminológicas. Em razão de se ter uma grande diversidade lexical, deve-se relacionar uma abrangente rede de remissivas, afinal o especialista utiliza o termo de sua preferência para a recuperação de novas informações.

Um fato interessante de se ressaltar é a presença de inúmeros termos da especialidade já integrados na linguagem natural, particularmente por ser o objeto de estudo da área a alimentação de indivíduos enfermos ou sadios. Esta disseminação dos termos relativos à Nutrição, e em geral a área da saúde, tem-se fortalecido com a divulgação ampla dos estudos, em função das facilidades tecnológicas existentes e do interesse da área das Ciências da Saúde de favorecer uma melhor qualidade de vida à população em geral, pois é cada vez maior a noção de responsabilidade social de cada área. Às Ciências da Informação cabe o papel de se adaptar para facilitar esta integração entre as linguagens de especialidade e a natural.

Para a análise da ocorrência no DeCS foi elaborada uma tabela contendo os termos coletados e a vinculação com o DeCS (se possui, é descritor ou sinônimo, e a(s) categoria(s) a que pertence), esta tabela encontra-se no Apêndice C. Manteve-se nesta tabela os termos da maneira em que foram

⁴ A listagem completa consta no Apêndice B.

coletados. Por exemplo, se a fonte de coleta mencionava equivalentes, os mesmos estão registrados em uma única linha, para identificação o termo preferido está grifado em negrito. Na verificação, o termo grifado em itálico é aquele a que se refere às informações retiradas do DeCS.

Um aspecto importante de ser ressaltado é que, como o DeCS foi originado a partir do MeSH e manteve sua configuração, tem-se uma estrutura para a Nutrição que não atende completamente a especialidade. Visto que o campo Nutrição tem particularidades em cada região, o vocabulário deveria respeitar estas características. A Nutrição brasileira preocupa-se com aspectos de ordem biológica e social e, portanto, deveria manter essa mesma preocupação no vocabulário, fato que não foi evidenciado. A estrutura do DeCS mantém a Nutrição em diversas categorias e ainda possui uma categoria para *Tecnologia de Alimentos e Bebidas*, que sob o olhar das Ciências da Saúde deveria estar inserido na especialidade Nutrição, uma vez que é essa especialidade que se ocupa com estes aspectos.

Primeiramente, serão analisados problemas encontrados no vocabulário controlado em relação aos termos referentes a siglas e abreviaturas e flexão de número; posteriormente, termos extraídos do discurso e não existentes no vocabulário analisado; e finalizando, a omissão e/ou supressão de parte do sintagma terminológico no discurso especializado.

6.1 Siglas e Abreviaturas

De maneira geral, áreas técnico-científicas utilizam siglas e abreviaturas para agilizar a comunicação. Com a área da saúde isso ocorre intensamente, devido, principalmente, à nomenclatura relativa a técnicas de diagnóstico e/ou tratamento. Um vocabulário controlado que pretenda agir como intermediário eficaz na comunicação documentária, e este é o propósito de praticamente todos, deve prever este tipo de busca e inserir essas abreviaturas entre os descritores não-autorizados.

Na Nutrição, particularmente, há uma diversidade de abreviaturas de termos como é o caso de IMC, BPE, BIA, VET, IRC e UAN; que significam, respectivamente, Índice de Massa Corporal, Boas Práticas de Fabricação, Impedância Bioelétrica, Valor Energético Total, Insuficiência Renal Crônica e Unidade de Alimentação e Nutrição.

No DeCS somente foi possível recuperar a sigla IMC, remetendo ao descritor que é o sintagma terminológico completo. Com exceção de VET e UAN, dos quais nem a sigla nem o termo por extenso são descritos no vocabulário, os demais possuem só a representação do sintagma completo. No entanto, o usuário acostumado com a abreviatura irá procurar o termo desta maneira e não irá

encontrar nenhuma informação, pois o mesmo não se encontra como uma das possibilidades de variantes oferecidas pelo instrumento.

É ainda mais complexo, no caso do indexador que não esteja muito familiarizado com a área a ser indexada e no documento só seja mencionada a abreviatura. Neste caso, não será possível encontrar o descritor a ser utilizado, obrigando o indexador a usar um termo mais genérico e perdendo a especificidade do documento em questão.

6.2 Flexão de Número

Geralmente, em textos especializados ou não, utiliza-se o plural para haver concordância gramatical. Isto não implica, necessariamente, a existência de um novo termo. Assim sendo, deve ser observada a existência, no vocabulário controlado, de sua variante. Permitindo, assim, independentemente da flexão, que a pesquisa seja efetivada retornando com resultados pertinentes ao solicitado.

Entretanto, em algumas especialidades se faz necessário o uso da flexão de número para diferenciar termos, como por exemplo, Acúcar de Acúcares, ambos cobertos pelo DeCS. O primeiro refere-se ao adoçante natural, extraído da Cana-de-açúcar ou da Beterraba, em alguma das suas diferentes fases de processamento. O segundo refere-se ao grupo dos açúcares, ou seja, ao grupo de substâncias semelhantes ao açúcar, que são os carboidratos, um nutriente essencial ao organismo.

Este uso da flexão como diferenciador não ocorre em todos os termos e, portanto, o vocabulário deve permitir a recuperação tanto pelo singular quanto pelo plural nos casos em que o termo possui o mesmo significado. Por outro lado, deve esclarecer que, em casos como o exemplificado, não há co-relação entre o singular e o plural, e sim há o episódio de outro termo com significado próprio.

No DeCS, estes fatos não estão bem documentados para o usuário poder fazer uso no momento da busca. Assim, é necessário que o usuário faça a pesquisa com o termo tanto no singular como no plural para descobrir qual a forma utilizada.

Os exemplos abaixo foram extraídos do discurso, ora no singular ora no plural. No DeCS, percebeu-se que em certos casos o descritor está registrado no plural e em outros no singular. Isso dificulta ainda mais a busca feita pelo usuário, que não sabe qual a maneira correta de utilizar o termo para recuperar informações.

No caso de Alimento e Alimentos, Carboidrato e Carboidratos, Fator de Risco e Fatores de Risco, Hábito Alimentar e Hábitos Alimentares só foi possível recuperar o termo no plural, em vista do exposto acima, que o termo no plural identifica o grupo e não somente um tipo. Contudo, para Dieta e Dietas, Nutricionista e Nutricionistas o mesmo não ocorre. Só estão representados os termos no singular, apesar de estar na mesma situação dos demais, ou melhor, Dietas está indicando não um tipo específico e sim dietas em geral, e Nutricionistas pode-se compreender como o grupo profissional.

6.3 Vazios Terminológicos

Uma grave falha de um vocabulário controlado é a falta de correspondência dos termos existentes no discurso especializado com os descritores autorizados e não-autorizados. Esta falha é muito comum, fazendo que o indexador tenha de indexar sob um descritor mais genérico; impossibilitando a recuperação da informação pelo usuário especialista. Este, se for inexperiente em processos de busca, dificilmente irá procurar por termos genéricos e, quando já possui conhecimento para fazer-lo, irá perder a especificidade necessária para sua pesquisa.

Os vazios terminológicos são, segundo Van der Laan (2002), estas lacunas existentes em vocabulários controlados em que termos consolidados e/ou consagrados pela especialidade não estejam representadas pela linguagem documentária.

Esta foi uma deficiência considerável presente no DeCS, já que dos quinhentos e treze termos verificados, trezentos e oitenta e sete não foram recuperados nem como variante. Ou seja, 75% dos termos extraídos do discurso dos especialistas não estão representados pelo instrumento. Este valor é extremamente elevado, lembrando que a especialidade Nutrição está representada em mais de uma categoria. Isto dificulta a busca de um descritor através da busca hierárquica, afinal o usuário deverá consultar três categorias diferentes para tentar localizar o descritor em questão.

É possível inferir com esta problemática que o DeCS possui sérias inconsistências na sua elaboração e revisão, permitindo a existência de vazios terminológicos consideráveis. Como por exemplo, em Acompanhamento Nutricional, Aleitamento Materno Exclusivo, Avaliação Dietética, Carência Nutricional, Composição Centesimal, Controle Glicêmico, Diagnóstico Nutricional, Dieta Hipocalórica, Dieta Hiperglicídica, Fibra Alimentar, Higienização, Intervenção Nutricional, Pirâmide Alimentar, Políticas de Alimentação e Nutrição, Unidade de Alimentação e Nutrição todos estes termos bastante usados na especialidade em questão.

Provavelmente, existam termos equivalentes a estes no vocabulário, mas não é possível recuperá-los a partir dos listados acima. Um vocabulário controlado não deve limitar as possibilidades de busca que o usuário terá, e sim fornecer todas as variantes possíveis para que o usuário realize a busca, iniciando com o seu acervo lingüístico. Isto porque o usuário especialista irá fazer novas buscas de informação com a terminologia empregada por ele e, neste caso, não irá recuperar nenhuma informação.

6.4 Supressão de Parte do Sintagma Terminológico

Em um texto é comum os autores evitarem repetir palavras ou expressões, quer empregando sinônimos ou suprimindo partes de um sintagma. Em decorrência disso, o trabalho do bibliotecário, ao extrair um termo do discurso especializado, deverá ser muito cuidadoso, para não retirar do texto palavras, que fora do contexto, ficam dúbias podendo gerar problemas de interpretação. Durante a coleta de termos, verificou-se uma ocorrência significativa de supressão ou omissão de parte do sintagma terminológico. Estas omissões ou supressões descaracterizam o sintagma ao ser extraído do contexto em que estiver inserido. Dessa forma, é importante salientar que os sintagmas terminológicos não podem ser representados exatamente da maneira como foram expressos no discurso. Cabe ao bibliotecário, no momento da identificação do sintagma, complementar o mesmo com as partes que foram suprimidas, mas são facilmente identificadas com a leitura do texto.

O termo incompleto só tem sentido quando está inserido em um contexto; fora disso, perde precisão terminológica. Quando se elabora uma linguagem documentária ou quando se indexa um documento, deve-se cuidar para extrair o sintagma terminológico completo. Na ausência deste cuidado, corre-se o risco de permitir uma indexação vazia de sentido para o público a que se destina.

Abaixo estão alguns exemplos contidos no universo pesquisado. Em seus contextos, fica fácil a identificação de cada sintagma terminológico, porém, quando retirados exatamente como estão expressos no discurso, podem acarretar imprecisão temática ou ausência de significação.

Foram observadas as ocorrências dos seguintes fragmentos de termos: Subescapular, Manipulação, Contaminação e Higiene; no entanto, fica evidente que os sintagmas terminológicos são, respectivamente, Prega Cutânea Subescapular, Manipulação de Alimentos, Contaminação de Alimentos e Higiene dos Alimentos.

Se a parte expressa no texto for registrada como termo, é possível que ocorra ambigüidade, pois estas partes são termos para outras especialidades.

Ao longo do discurso, fica evidente o termo em questão; no entanto, ao extraí-lo do seu contexto, é fundamental registrar o termo completo, pois é dessa maneira que o usuário irá tentar recuperar documentos que abordem este tema.

7 CONCLUSÃO

Vivencia-se um momento no qual a informação é um item indispensável e está disponível para todos. A internet, entre outros avanços tecnológicos, faz com que não sejam mais necessários intermediários entre o usuário e a informação.

Assim, é importante pensar os mecanismos de representação desta informação disseminada, ou seja, na indexação destes documentos; na qual está inserido o bibliotecário, sendo fundamental a busca de instrumentos que o auxiliem nesta tarefa.

Considerou-se, como pressuposto para este trabalho, que para uma boa representação temática é essencial que o instrumento empregado na indexação alfabética seja representativo da linguagem de especialidade a qual se destina. Para verificar isso, realizou-se uma pesquisa em que foram coletados termos em situação discursiva da especialidade Nutrição. Após, foi verificado se estes estavam representados no DeCS.

Observou-se que a maioria dos termos coletados não estava representada e, dentro do percentual que ali estava, havia inconsistência quanto ao uso da flexão de número e ao uso de siglas e abreviaturas. Outro aspecto considerado se refere à estrutura hierárquica, em que há diferenças conceituais entre a Nutrição estudada na América Latina e nos Estados Unidos, e deve-se respeitar essas diferenças já que o instrumento destina-se à América Latina.

Seria conveniente que em novas revisões se tenha um maior cuidado em relação ao discurso da especialidade Nutrição em língua portuguesa, pois devido às deficiências apontadas pela pesquisa realizada, atualmente, é possível que usuários especialistas permaneçam sem respostas ou até com respostas negativas para suas solicitações em bibliotecas e bases que utilizem o DeCS como instrumento para indexação alfabética.

Devido às dificuldades relatadas, são indispensáveis pesquisas mais aprofundadas sobre a representatividade dos instrumentos utilizados para a indexação alfabética em relação à linguagem especializada. No caso do DeCS, além de estudos com os diferentes idiomas representados por ele, também devem ser feitos estudos em relação às demais especialidades existentes. E ainda, o quanto estas diferenças entre as linguagens de especialidade e documentária dificultam a recuperação da informação pelo usuário especialista.

Conclui-se que é imprescindível uma maior divulgação acerca da importância da Terminologia e os benefícios que esta proporciona na elaboração e na manutenção de linguagens documentárias.

REFERÊNCIAS

ADELSTEIN, A.; FELIU, J. Relações semânticas entre unidades léxicas com valor especializado e descritores. **Cadernos de Tradução: a terminologia em foco**, Porto Alegre, n.17, p.115-128, out./dez. 2004.

BOCCATO, V. R. C.; FUJITA, M. S. L. Avaliação da linguagem documentária DeCS na área de fonoaudiologia na perspectiva do usuário: estudo de observação da recuperação da informação com protocolo verbal. **Encontros Bibli**, Florianópolis, n.21, 2006. Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_21/boccatto.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2006.

CABRÉ, M. T. **A terminologia hoje**: concepções, tendências e aplicações. **Cadernos de Tradução: A terminologia em foco**, Porto Alegre, n.17, p.9-30, out./dez. 2004. Tradução do texto "La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones" de 1995.

CABRÉ, M. T. **La terminología**: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CAMPOS, M. L. A. et. al. Estudo comparativo de softwares de construção de tesouros. **Perspectivas em Ciências da Informação**, Belo Horizonte, v.11, n.1, p.68-81, jan./abr. 2006.

CAMPOS, M. L. A. **Linguagem documentária**: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói: EdUFF, 2001.

CASTRO, E. Terminologia, palavras-chave, descritores em saúde: qual a sua utilidade?. **Jornal Brasileiro de AIDS**, v.2, n.1, jan./mar. 2001. Disponível em: <<http://decs.bvs.br/P/Artigo.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2006.

CINTRA, A. M. M. et. al. Do termo ao descritor: estudo exploratório. **Revista Comunicações & Artes**, São Paulo, v.17, n.28, p.75-82, 1994.

CINTRA, A. M. M. et. al. **Para entender as linguagens documentárias**. São Paulo: Polis, 2002.

CLAS, A. Terminologia e terminologia lexicográfica. In: LIMA, M. S.; RAMOS, P. C. (Org.). **Terminologia e ensino de segunda língua**: Canadá e Brasil. Porto Alegre: Núcleo de Estudos Canadenses. Instituto de Letras, [2001?]. p.29-36.

CUNHA, I. M. R. F. Análise Documentária. In: SMIT, J. W. (Coord.). **Análise documentária**: a análise da síntese. Brasília: IBICT, 1989. p.39-62.

DIAS, E. W.; NAVES, M. M. L.; MOURA, M. A. O usuário-pesquisador e a análise de assunto. **Perspectivas em Ciências da Informação**, Belo Horizonte, v.6, n.2, p.205-211, jul./dez. 2001.

FAULSTICH, E. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, Brasília, v.24, n.3, 1995. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=529&layout=abstract>>. Acesso em: 24 jun. 2006.

FURNIVAL, A. C. **Os fundamentos da lógica aplicada à recuperação da informação**. São Carlos: EdUFSCAR, 2002.

KOBASHI, N. Y. Análise documentária: considerações sobre um modelo lógico-semântico. In: CUNHA, I. M. R. F. (Coord.). **Análise documentária: considerações teóricas e experimentações**. São Paulo: FEBAB, 1989. p.45-57.

KOBASHI, N. Y. Análise documentária e representação da informação. **Informare**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.5-27, jul./dez. 1996.

KRIEGER, M. G. Terminologia Revisitada. In: KRIEGER, M. G.; MACIEL, A. M. B. (Org.). **Temas de Terminologia**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2001. p.47-60.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LARA, M. L. G. Linguagens documentárias, instrumentos de mediação e comunicação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.26, n.1/2, p.72-80, jan./jun.1993.

MAURICIO, H. V. Evolução da Nutrição e do seu ensino no Brasil. **Arquivos Brasileiros de Nutrição**, Rio de Janeiro, v.20, n.2, p.117-134, jul./dez. 1964.

MCCOLLUM, E. V. **A history of nutrition: the sequence of ideas in nutrition investigations**. Boston: Houghton Mifflin, 1957.

NAVES, M. M. L. Estudo de fatores interferentes no processo de análise de assunto. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.6, n.2, p.189-203, jul./dez. 2001.

PELLIZON, R. F. Pesquisa na área da Saúde. 1. Base de dados DeCS (Descritores em Ciências da Saúde). **Acta Cirúrgica Brasileira**, São Paulo, v.19, n.2, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/acb/v19n2/v19n2a13.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2006.

SOUZA, R. F.; MANASFI, C. V. Organização do conhecimento em uma estrutura classificatória, no contexto da indexação e recuperação da informação: um relato de pesquisa. **Informare**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.37-49, jul./dez. 1996.

TALAMO, M. F. G. M.; LARA, M. L. G.; KOBASHI, N. Y. Contribuição da terminologia para a elaboração de tesouros. **Ciência da Informação**, Brasília, v.21, n.3, p.197-200, set./dez. 1992.

TEMMERMAN, R. Teoria sociocognitiva da terminologia. **Cadernos de Tradução: a terminologia em foco**, Porto Alegre, n.17, p.31-50, out./dez. 2004.

VAN DER LAAN, R. H. **Tesouro e terminologia: uma inter-relação lógica**. 2002. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

VASCONCELOS, F. A. G. Origem e conformação do campo da Nutrição em Saúde Pública em Pernambuco: uma análise histórico-estrutural. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.14, suplemento, p.13-20, 2001a. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rn/v14s0/8758.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2006.

VASCONCELOS, F. A. G. Fome, eugenia e constituição do campo da Nutrição em Pernambuco: uma análise de Gilberto Freyre, Josué de Castro e Nelson Chaves. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p.315-339, jul./ago. 2001b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8n2/a02v08n2.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2006.

VASCONCELOS, F. A. G. O nutricionista no Brasil: uma análise histórica. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.15, n.2, p.127-138, maio/ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rn/v15n2/11829.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2006.

APÊNDICES

Apêndice A – Ficha de Coleta de Termos

FICHA DE COLETA DE TERMOS

<i>TERMO:</i>
<i>VARIANTES:</i>
<i>CONTEXTO (S):</i>
<i>DEFINIÇÃO:</i>
<i>FONTE:</i>
<i>DATA:</i>
<i>OBSERVAÇÃO:</i>

Apêndice B – Lista dos Termos Coletados

1	7-CETOCOLESTEROL LIVRE
2	ABSENTEÍSMO
3	ABSORÇÃO DE NUTRIENTES
4	ABSORÇÃO INTESTINAL
5	ACEITABILIDADE
6	ACEITAÇÃO
7	ÁCIDO FÓLICO - FOLATO
8	ÁCIDO LINOLÊICO CONJUGADO - CLA
9	ÁCIDOS GRAXOS
10	ÁCIDOS GRAXOS TRANS
11	ACOMPANHAMENTO NUTRICIONAL
12	AÇÚCAR
13	AÇÚCARES
14	ADAPTAÇÕES METABÓLICAS
15	ADIÇÃO DE FRUTAS
16	ÁGUA
17	ÁGUA TRATADA
18	ÁLCOOL
19	ALEITAMENTO ARTIFICIAL
20	ALEITAMENTO MATERNO
21	ALEITAMENTO MATERNO - AMAMENTAÇÃO
22	ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO
23	ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO - AMAMENTAÇÃO EXCLUSIVA
24	ALIMENTAÇÃO
25	ALIMENTAÇÃO BÁSICA
26	ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR
27	ALIMENTAÇÃO DE CRIANÇAS - ALIMENTAÇÃO INFANTIL
28	ALIMENTAÇÃO ESCOLAR
29	ALIMENTAÇÃO FORA DE CASA - REFEIÇÕES FORA DE CASA
30	ALIMENTAÇÃO HABITUAL
31	ALIMENTAÇÃO HUMANA
32	ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL
33	ALIMENTAÇÃO SEGURA
34	ALIMENTAÇÃO [SAUDÁVEL]
35	ALIMENTO
36	ALIMENTO NUTRITIVO
37	ALIMENTO PROBIÓTICO
38	ALIMENTOS
39	ALIMENTOS COMERCIALIZADOS
40	ALIMENTOS CONTAMINADOS
41	ALIMENTOS DE ORIGEM ANIMAL
42	ALIMENTOS DIET E LIGHT
43	ALIMENTOS DIETÉTICOS
44	ALIMENTOS EMBALADOS
45	ALIMENTOS MODIFICADOS
46	ALIMENTOS RICOS EM FERRO
47	ALMOÇO

48	ALTURA
49	ALTURA/IDADE
50	AMAMENTAÇÃO TOTAL
51	AMINAS HETEROCÍCLICAS
52	AMINAS HETEROCÍCLICAS AROMÁTICAS - AHAs
53	AMINOÁCIDO
54	ANÁLISE ANTROPOMÉTRICA
55	ANÁLISE MICROBIOLÓGICA
56	ANÁLISE SENSORIAL
57	ANÁLISE SENSORIAL - ANÁLISE SENSORIAL AFETIVA
58	ANEMIA
59	ANEMIA FALCIFORME
60	ANEMIA FERROPRIVA
61	ANEMIA GRAVE
62	ANÊMICAS
63	ANOREXIA NERVOSA
64	ANOREXIA NERVOSA - ANOREXIA
65	ANTROPOMETRIA
66	APARÊNCIA
67	APETITE
68	APORTE CALÓRICO
69	AROMA
70	ARROZ
71	ASPECTOS SENSORIAIS
72	ASSISTÊNCIA NUTRICIONAL ADEQUADA
73	AVALIAÇÃO ANTROPOMÉTRICA
74	AVALIAÇÃO ANTROPOMÉTRICA DE ADMISSÃO
75	AVALIAÇÃO DIETÉTICA
76	AVALIAÇÃO DIETÉTICA - [AVALIAÇÃO] DIETÉTICA
77	AVALIAÇÃO NUTRICIONAL
78	AVALIAÇÃO NUTRICIONAL PROTÉICO CALÓRICA
79	AVC
80	BACTÉRIAS LÁTICAS
81	BAIXA ESTATURA
82	BAIXO PESO
83	BAIXO PESO - BP
84	BAIXO PESO AO NASCER
85	BEBIDAS
86	BEBIDAS - BEBIDA
87	BENEFICIAMENTO
88	BENEFÍCIOS NUTRICIONAIS
89	BIODISPONIBILIDADE
90	BIODISPONIBILIDADE DO ZINCO
91	BIODISPONIBILIDADE DO ZINCO DIETÉTICO - BIODISPONIBILIDADE DO ZINCO ALIMENTAR
92	BOA ACEITAÇÃO
93	BOAS PRÁTICAS
94	BOAS PRÁTICAS DE FABRICAÇÃO - BPF
95	BOAS PRÁTICAS DE HIGIENE

96	BOAS PRÁTICAS DE MANIPULAÇÃO
97	BULIMIA NERVOSA
98	CAFÉ
99	CAFEÍNA
100	CÁLCIO
101	CALDO DE COCÇÃO
102	CARACTERÍSTICA SENSORIAL
103	CARACTERÍSTICAS FÍSICAS
104	CARACTERÍSTICAS FÍSICO-QUÍMICAS
105	CARACTERÍSTICAS PROBIÓTICAS
106	CARBOIDRATO
107	CARBOIDRATOS
108	CARBOIDRATOS COMPLEXOS
109	CARDIOPROTETORES
110	CARÊNCIA NUTRICIONAL
111	CARNE
112	CARNE DE FRANGO
113	CARNE VERMELHA
114	CARNES
115	CASTANHAS
116	CEIA
117	CEREAIS
118	CIÊNCIA DA NUTRIÇÃO
119	CINTURA
120	CIRCUNFERÊNCIA DA CINTURA
121	CIRCUNFERÊNCIA DE QUADRIL
122	CIRCUNFERÊNCIA DO BRAÇO
123	CIRCUNFERÊNCIA DO QUADRIL
124	CLASSIFICAÇÃO PERCENTILAR
125	CLORETO DE POTÁSSIO
126	CLORETO DE SÓDIO
127	COCÇÃO
128	COLAÇÃO
129	COLESTEROL
130	COLESTEROL SANGÜÍNEO
131	COLESTEROL TOTAL
132	COMBATE À FOME
133	COMENSAL
134	COMPLEXO DE VITAMINAS E MINERAIS
135	COMPONENTES ANTIOXIDANTES
136	COMPORTAMENTO ALIMENTAR
137	COMPORTAMENTO ANORÉXICO
138	COMPOSIÇÃO CENTESIMAL
139	COMPOSIÇÃO CORPORAL
140	COMPOSIÇÃO DE NUTRIENTES
141	COMPOSIÇÃO EM NUTRIENTES
142	COMPOSIÇÃO NUTRICIONAL
143	COMPROMETIMENTO

144	COMPROMETIMENTO NUTRICIONAL
145	CONCENTRAÇÕES
146	CONDIÇÃO NUTRICIONAL
147	CONDIÇÕES HIGIÊNICO-SANITÁRIAS
148	CONDIÇÕES NUTRICIONAIS
149	CONDUTA
150	CONDUTAS CLÍNICO-NUTRICIONAIS
151	CONSERVAÇÃO
152	CONSUMO ALIMENTAR
153	CONSUMO DE ALIMENTOS
154	CONSUMO DE ALIMENTOS COMPLEMENTARES
155	CONSUMO DE ALIMENTOS NOVOS
156	CONSUMO DE ENERGIA
157	CONSUMO DE FIBRAS
158	CONSUMO DE FONTES ALIMENTARES DE VITAMINA A
159	CONSUMO DE GRÃOS INTEGRAIS
160	CONSUMO DE LEITE MATERNO
161	CONSUMO DE LIPÍDIOS
162	CONSUMO DE MACRONUTRIENTES
163	CONSUMO DE VITAMINA A
164	CONSUMO DIETÉTICO DE VITAMINA A
165	CONSUMO ENERGÉTICO
166	CONSUMO ENERGÉTICO-PROTÉICO
167	CONTAMINAÇÃO
168	CONTAMINAÇÃO DE ALIMENTOS
169	CONTROLE DE QUALIDADE HIGIÊNICO-SANITÁRIA
170	CONTROLE DO APETITE
171	CONTROLE GLICÊMICO
172	COZIMENTO
173	CRESCIMENTO BACTERIANO
174	CRESCIMENTO DO TECIDO ADIPOSEO - DESENVOLVIMENTO DO TECIDO ADIPOSEO
175	CRESCIMENTO INFANTIL
176	CUIDADOS NUTRICIONAIS
177	DEFICIÊNCIA DE NUTRIENTES
178	DEFICIÊNCIA DE VITAMINAS
179	DEFICIÊNCIA EM NUTRIENTES
180	DÉFICIT DE ALTURA
181	DÉFICIT DE CRESCIMENTO
182	DÉFICIT ESTATURAL
183	DÉFICIT NUTRICIONAL
184	DEPOSIÇÃO DE GORDURA CORPORAL
185	DESCAMAÇÃO
186	DESIDRATAÇÃO
187	DESJEJUM
188	DESMAME
189	DESMAME PRECOCE
190	DESNUTRIÇÃO
191	DESNUTRIÇÃO AGUDA

192	DESNUTRIÇÃO ATUAL
193	DESNUTRIÇÃO CRÔNICA
194	DESNUTRIÇÃO ENERGÉTICO-PROTÉICA
195	DESNUTRIÇÃO HOSPITALAR
196	DESNUTRIÇÃO INFANTIL
197	DESNUTRIÇÃO PREGRESSA
198	DESNUTRIÇÃO PROTÉICO-CALÓRICA
199	DESNUTRIDAS
200	DESNUTRIDOS
201	DESPERDÍCIO
202	DESSALGA
203	DIABETES
204	DIABETES MELLITUS
205	DIABETES MELLITUS - DIABETES
206	DIABÉTICOS
207	DIAGNÓSTICO
208	DIAGNÓSTICO NUTRICIONAL
209	DIÁRIO ALIMENTAR
210	DIÁRIO ALIMENTAR DE 4 DIAS
211	DIÁRIO DE SETE DIAS
212	DIÁRIO DE TRÊS DIAS
213	DIETA
214	DIETA ARTESANAL
215	DIETA COM BAIXOS TEORES DE VITAMINAS
216	DIETA DEFICIENTE
217	DIETA ENTERAL MODULAR
218	DIETA HIPERGLICÍDICA - DIETA RICA EM CARBOIDRATOS
219	DIETA HIPOCALÓRICA
220	DIETA HIPOGLICÍDICA
221	DIETA POLIMÉRICA
222	DIETA SAUDÁVEL
223	DIETA VIA ORAL
224	DIETAS
225	DIETAS ARTESANAIS MODULARES
226	DIETAS ENTERAIS
227	DIETAS ENTERAIS ARTESANAIS
228	DIETAS HIPERLIPÍDICAS
229	DIETAS HIPOCALÓRICAS
230	DIETAS INDUSTRIALIZADAS
231	DIETAS ISOENERGÉTICAS
232	DIETAS MODULARES
233	DIETÉTICA
234	DIETÉTICOS
235	DIETOTERAPIA
236	DIGESTIBILIDADE
237	DISTORÇÃO DA IMAGEM CORPORAL
238	DISTRIBUIÇÃO DA GORDURA CORPÓREA
239	DIVERSIDADE DIETÉTICA - DIVERSIDADE [DIETÉTICA]; DIVERSIDADE

240	DOBRA CUTÂNEA TRICIPTAL
241	DOBRAS CUTÂNEAS
242	DOBRAS CUTÂNEAS - DC
243	DOENÇA CELÍACA
244	DOENÇA DE BASE
245	DOENÇA PULMONAR OBSTRUTIVA CRÔNICA
246	DOENÇA RENAL CRÔNICA
247	DOENÇA VEICULADA POR ALIMENTO - DVA
248	DOENÇAS VEICULADAS POR ALIMENTOS - DVAs
249	EDUCAÇÃO NUTRICIONAL
250	EFEITO ERGOGÊNICO
251	EFEITOS ERGOGÊNICOS
252	E/I
253	ELETRÓLITOS
254	ENERGIA
255	ENERGIA BASAL
256	ENERGIA [DA DIETA]
257	ENGORDAR
258	EQUIPE MULTIDISCIPLINAR
259	ERGOGÊNESE
260	ERGOGÊNESE NUTRICIONAL DOS LIPÍDIOS
261	ERITRÓCITO
262	ESCOLARES
263	ESCOLHA ALIMENTAR
264	ESTABILIDADE OXIDATIVA
265	ESTADO NUTRICIONAL
266	ESTADO NUTRICIONAL ANTROPOMÉTRICO
267	ESTADO NUTRICIONAL NORMAL
268	ESTATURA
269	ESTATURA/IDADE
270	ESTOCAGEM [DO PRODUTO PARA CONSUMO]
271	ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO DOS PROBLEMAS NUTRICIONAIS
272	ESTRATÉGIAS NUTRICIONAIS
273	ESTRUTURA FÍSICA
274	ESVAZIAMENTO GÁSTRICO
275	EUTROFIA
276	EUTROFIA - EU
277	EUTRÓFICOS
278	EVICERAÇÃO
279	EVOLUÇÃO DIETÉTICA
280	EVOLUÇÃO NUTRICIONAL
281	EVOLUÇÃO NUTRICIONAL INFANTIL
282	EXCESSO DE PESO
283	EXCREÇÃO DE CREATININA URINÁRIA
284	FARINHA
285	FARINHA DE ARROZ
286	FARINHA DE MANDIOCA
287	FARINHA DE SARRACENO - FAGOPYRUM ESCULENTUM MOENCH

288	FATOR DE RISCO
289	FATORES DE PROTEÇÃO
290	FATORES DE RISCO
291	FATORES DE RISCO PARA ANEMIA
292	FATORES DE RISCO PARA DESNUTRIÇÃO
293	FATORES DIETÉTICOS
294	FEIJÃO
295	FEIJÃO CARIOQUINHA
296	FEIJÃO PRETO
297	FERMENTAÇÃO
298	FERMENTO
299	FERRO
300	FIBRA ALIMENTAR
301	FONTE DE ENERGIA
302	FONTES DE FERRO
303	FORMAS DE PREPARO
304	FORMULAÇÕES
305	FÓRMULAS À BASE DE LEITE EM PÓ INTEGRAL, ESPESSANTE E AÇÚCAR
306	FORTIFICAÇÃO COM FERRO - FORTIFICAÇÃO ALIMENTAR COM FERRO
307	FREQÜÊNCIA ALIMENTAR
308	FREQÜÊNCIA DE CONSUMO DE ALIMENTOS
309	FREQÜÊNCIA MENSAL DOS ALIMENTOS
310	FRUTAS
311	FRUTOOLIGOSSACARÍDEOS
312	GANHO DE PESO
313	GANHO DE PESO TOTAL
314	GASTO ENERGÉTICO
315	GASTO ENERGÉTICO DE REPOUSO
316	GLICEMIA
317	GLICEMIA ALTERADA
318	GLICEMIA DE JEJUM
319	GLICEROL
320	GLICOGÊNIO MUSCULAR
321	GLÚTEN
322	GOMA LOCUSTE
323	GORDURA ABDOMINAL
324	GORDURA CORPORAL
325	GORDURA SATURADA
326	GORDURA VEGETAL HIDROGENADA - GVH
327	GORDURAS
328	GORDURAS VEGETAIS
329	GRUPO DE ALIMENTOS
330	GRUPOS ALIMENTARES
331	HÁBITO ALIMENTAR
332	HÁBITOS ALIMENTARES
333	HÁBITOS ALIMENTARES ATEROGÊNICOS
334	HÁBITOS ALIMENTARES SAUDÁVEIS
335	HDL-c

336	HEMOGLOBINA
337	HIDRATAÇÃO - REPOSIÇÃO DE LÍQUIDOS
338	HIDRATAÇÃO - REPOSIÇÃO HÍDRICA; REPOSIÇÃO DE FLUIDOS
339	HIDRATOS DE CARBONO
340	HIDROGENAÇÃO
341	HIGIENE [DOS ALIMENTOS]
342	HIGIENIZAÇÃO
343	HIPERCOLESTEROLEMIA
344	HIPONATREMIA - INTOXICAÇÃO POR ÁGUA
345	HIPORRETINOLEMIA
346	HIPOVITAMINOSE A
347	HIPOVITAMINOSE A - DEFICIÊNCIA DE VITAMINA A
348	HOMEOSTASE DO ORGANISMO
349	HORTALIÇAS
350	IDADE
351	IDADE GESTACIONAL
352	IMAGEM CORPORAL
353	IMC
354	IMC/I
355	IMPEDÂNCIA BIOELÉTRICA - BIA
356	IMPEDÂNCIA BIOELÉTRICA - IMPEDÂNCIA ELÉTRICA
357	INDICADOR ALTURA/IDADE
358	INDICADOR BIOQUÍMICO
359	INDICADOR PESO/IDADE - P/I
360	INDICADORES ANTROPOMÉTRICOS
361	INDICADORES ANTROPOMÉTRICOS DE DISTRIBUIÇÃO DE GORDURA CORPORAL
362	ÍNDICE DE ACEITAÇÃO
363	ÍNDICE DE COLESTEROL/GORDURAS SATURADAS - CSI
364	ÍNDICE DE MASSA CORPORAL
365	ÍNDICE DE MASSA CORPORAL - IMC
366	ÍNDICE DE NPU
367	ÍNDICE PESO / IDADE - P/I
368	INGESTÃO
369	INGESTÃO ADEQUADA DE FERRO
370	INGESTÃO ALIMENTAR
371	INGESTÃO ALIMENTAR DE MACRO[NUTRIENTES]
372	INGESTÃO CALÓRICA
373	INGESTÃO DE ÁGUA
374	INGESTÃO DE ALIMENTOS
375	INGESTÃO DE ALIMENTOS RICOS EM POTÁSSIO
376	INGESTÃO DE AMINAS HETEROCÍCLICAS
377	INGESTÃO DE CAFEÍNA
378	INGESTÃO DE CÁLCIO
379	INGESTÃO DE ENERGIA
380	INGESTÃO DE FOLATO MATERNO
381	INGESTÃO DE GORDURA SATURADA
382	INGESTÃO DE MICROORGANISMOS
383	INGESTÃO DE NUTRIENTES

384	INGESTÃO DE PROTEÍNA
385	INGESTÃO DIÁRIA RECOMENDADA
386	INGESTÃO DIETÉTICA
387	INGESTÃO ENERGÉTICA
388	INGESTÃO EXCESSIVA DE COLESTEROL
389	INGESTÃO PROTEICA
390	INGREDIENTES
391	INQUÉRITO DE CONSUMO ALIMENTAR
392	INQUÉRITO RECORDATÓRIO DE 24 HORAS
393	INSATISFAÇÃO CORPORAL
394	INSUFICIÊNCIA RENAL CRÔNICA - IRC
395	INSULINA
396	INTERCORRÊNCIAS
397	INTERVENÇÃO DIETOTERÁPICA
398	INTERVENÇÃO NUTRICIONAL
399	INTERVENÇÕES NUTRICIONAIS
400	INTOLERÂNCIAS ALIMENTARES
401	INTRODUÇÃO DE LEITE NÃO MATERNO
402	INULINA
403	IOGURTE DE SOJA SEM SUPLEMENTAÇÃO
404	IOGURTE DE SOJA SUPLEMENTADO
405	IOGURTE SUPLEMENTADO
406	JANTAR
407	L-CARNITINA - CARNITINA
408	L-CARNITINA - L-CARNITINA PLASMÁTICA; L-CARNITINA LIVRE
409	LANCHE DA TARDE
410	LATICÍNIOS
411	LDL-c
412	LEGUMES
413	LEGUMINOSAS
414	LEITE E DERIVADOS
415	LEITE HUMANO
416	LEITE MATERNO
417	LEITES / DERIVADOS
418	LIGHT
419	LIPÍDEO
420	LIPÍDIOS
421	LIPÍDIOS - LÍPIDES
422	LIPÍDIOS PLASMÁTICOS
423	LIPOPROTEÍNA DE ALTA DENSIDADE - HDL
424	LIPOPROTEÍNA DE BAIXA DENSIDADE - LDL
425	LÍQUIDO PERDIDO
426	LIXO ORGÂNICO
427	LONGEVIDADE
428	MÁ NUTRIÇÃO
429	MÁ-ABSORÇÃO
430	MACARRÃO
431	MACRONUTRIENTES

432	MAGREZA
433	MANIPULAÇÃO DE ALIMENTOS
434	MANIPULAÇÃO DOS ALIMENTOS
435	MANIPULADORES DE ALIMENTOS - MANIPULADORES [DE ALIMENTOS]
436	MANIPULADORES [DE ALIMENTOS]
437	MANTEIGA
438	MARGARINA
439	MARGARINAS
440	MASSA CORPORAL
441	MASSA MUSCULAR
442	MASSA ÓSSEA
443	MASTIGAÇÃO
444	MATÉRIA-PRIMA
445	MATÉRIAS-PRIMAS
446	MEDIDAS ANTROPOMÉTRICAS
447	MERENDA ESCOLAR
448	METABOLISMO
449	METABOLISMO ENERGÉTICO
450	MÉTODOS DE COCÇÃO
451	MÉTODOS DIETÉTICOS
452	MICRONUTRIENTES
453	MODULAÇÃO DIETÉTICA
454	MODULAÇÃO ESPECÍFICA
455	MÓDULOS DE NUTRIENTES
456	MORBIDADES
457	MORORÓ - GOBIONELLUS OCEANICUS
458	MUDANÇA DE COMPORTAMENTO
459	NÃO-VEGETARIANOS
460	NECESSIDADES ENERGÉTICAS
461	NECESSIDADES HÍDRICAS
462	NECESSIDADES NUTRICIONAIS
463	NET [necessidades energéticas totais]
464	NEUROMODULAÇÃO ALIMENTAR
465	NÍVEIS DE ALBUMINA
466	NORMAIS
467	NUTRIÇÃO
468	NUTRIÇÃO ADEQUADA
469	NUTRIÇÃO DA CRIANÇA
470	NUTRIÇÃO ENTERAL
471	NUTRIÇÃO ENTERAL - NE
472	NUTRIÇÃO ENTERAL MODULAR
473	NUTRICIONISTA
474	NUTRICIONISTAS
475	NUTRIENTES
476	NUTRIENTES ENERGÉTICOS
477	OBESAS
478	OBESIDADE
479	OBESIDADE ABDOMINAL

480	OBESIDADE MÓRBIDA
481	OBESO
482	OBESO MÓRBIDO
483	OBESOS
484	OFERTA DE ALIMENTOS SEGUROS
485	OFERTA DE FERRO
486	OFERTA DE LEITE MATERNO
487	ÓLEO DE AÇAFRÃO - [ÓLEO DE] AÇAFRÃO
488	ÓLEO DE AMENDOIM
489	ÓLEO DE COZINHA
490	ÓLEO DE OLIVA - [ÓLEO DE] OLIVA; AZEITE DE OLIVA
491	ÓLEOS VEGETAIS
492	OLIGOFRUTOSE
493	OLIGOSSACARÍDEOS
494	ORIENTAÇÃO
495	ORIENTAÇÃO ALIMENTAR
496	ORIENTAÇÃO NUTRICIONAL
497	OVO
498	OXIDAÇÃO DE CARBOIDRATOS
499	OXIDAÇÃO DE LIPÍDIOS
500	OXIDAÇÃO DO COLESTEROL
501	PADRÕES HIGIÊNICO-SANITÁRIOS
502	PÃO
503	PÃO - PÃES
504	PÃO FRANCÊS
505	PÃO SEM GLÚTEN
506	PARÂMETROS ANTROPOMÉTRICOS
507	PARASITOSE
508	PARASITOSSES INTESTINAIS
509	PATOGÊNESE DA OBESIDADE
510	P/E
511	PEIXE
512	PEIXE SALGADO
513	PERCENTUAL DE GORDURA CORPORAL
514	PERCENTUAL DE PERDA DE PESO
515	PERCEPÇÃO CORPORAL
516	PERCEPÇÃO DA IMAGEM CORPORAL
517	PERDA DE PESO
518	PERDAS HÍDRICAS
519	PERFIL ANTROPOMÉTRICO
520	PERFIL LIPÍDICO
521	PERFIL NUTRICIONAL
522	PESAGEM DIRETA DE ALIMENTOS
523	PESCA
524	PESO
525	PESO - PESO CORPORAL
526	PESO ADEQUADO
527	PESO AO NASCER

528	PESO CORPORAL
529	PESO FETAL
530	PESO INSUFICIENTE AO NASCER
531	PESO NORMAL
532	PESO/ALTURA
533	PESO/ESTATURA
534	PESO/IDADE
535	P/I
536	PIRÂMIDE ALIMENTAR
537	PIRÂMIDE ALIMENTAR BRASILEIRA
538	PIRÂMIDE ALIMENTAR BRASILEIRA INFANTIL
539	PLANEJAMENTO ALIMENTAR
540	POLÍTICAS DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO
541	POPULAÇÃO DE RISCO
542	POPULAÇÃO-ALVO
543	POTÁSSIO
544	POTENCIAL HIPERCOLESTEROLÊMICO DOS ALIMENTOS
545	POTENCIAL NUTRITIVO
546	PRÁTICAS ALIMENTARES
547	PRÁTICAS ALIMENTARES SAUDÁVEIS
548	PRÁTICAS HIGIÊNICO-SANITÁRIAS ADEQUADAS
549	PRATOS PRONTOS PARA O CONSUMO
550	PRÉ-ESCOLAR
551	PRÉ-ESCOLARES
552	PRÉ-PREPARO DE CARNES
553	PRÉ-PREPARO [DE SALADAS]
554	PREBIÓTICOS
555	PREFERÊNCIAS ALIMENTARES
556	PREGA CUTÂNEA TRICIPTAL
557	PREGAS CUTÂNEAS
558	PREMATURIDADE
559	PREPARAÇÃO DE DIETAS ENTERAIS
560	PREPARAÇÕES
561	PREPARAÇÕES CULINÁRIAS - PREPARAÇÃO
562	PREPARO DE DIETAS ENTERAIS
563	PREPARO DE REFEIÇÕES
564	PREPARO DE SALADAS
565	PREPARO DO PRODUTO PARA CONSUMO
566	PRESCRIÇÃO DIETÉTICA
567	PRINCÍPIOS DIETÉTICOS
568	PRIVAÇÃO METABÓLICA
569	PROBIÓTICOS
570	PROBLEMA NUTRICIONAL
571	PROCESSAMENTO
572	PROCESSAMENTO [DO PRODUTO PARA CONSUMO]
573	PRODUÇÃO DE ALIMENTOS
574	PRODUTOS À BASE DE PROTEÍNA VEGETAL
575	PRODUTOS LÁCTEOS

576	PROGNÓSTICO
577	PROGRAMA DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO
578	PROGRAMA DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR
579	PROGRAMAS E POLÍTICAS DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO
580	PROMOÇÃO DA SAÚDE
581	PROMOÇÃO DE HÁBITOS E PRÁTICAS ALIMENTARES SAUDÁVEIS
582	PROMOÇÃO DE PRÁTICAS ALIMENTARES SAUDÁVEIS
583	PROPEDÊUTICA
584	PROPRIEDADES FUNCIONAIS
585	PROTEÍNA DA DIETA
586	PROTEÍNAS
587	PROTOCOLO NUTRICIONAL
588	QUADRIL
589	QUALIDADE DA DIETA
590	QUALIDADE DE VIDA
591	QUALIDADE PROTÉICA
592	QUALIDADES ORGANOLÉPTICAS DOS ALIMENTOS
593	QUESTIONÁRIO DE FREQUÊNCIA ALIMENTAR
594	QUESTIONÁRIO DE FREQUÊNCIA ALIMENTAR - FFO
595	RAZÃO CINTURA QUADRIL
596	RECOMENDAÇÕES NUTRICIONAIS
597	RECORDATÓRIO DE 24 HORAS
598	REDORDATÓRIO 24H
599	REDUÇÃO CALÓRICA
600	REFEIÇÃO - REFEIÇÕES
601	REFEIÇÕES
602	REGISTRO ALIMENTAR
603	REGISTRO DE ALIMENTOS CONSUMIDOS EM TRÊS DIAS
604	REGULAÇÃO DO CRESCIMENTO
605	RELAÇÃO CINTURA QUADRIL
606	RELAÇÃO CINTURA QUADRIL - RCQ
607	RESISTÊNCIA À INSULINA
608	RETARDO DO CRESCIMENTO LINEAR
609	RETENÇÃO HÍDRICA
610	RETINOL
611	RETINOL SÉRICO
612	RISCO DE SOBREPESO
613	ROTINAS DE ATENDIMENTO
614	ROTULAGEM NUTRICIONAL
615	SABOR
616	SACIEDADE
617	SAL
618	SAL DE COZINHA
619	SALGA-ÚMIDA
620	SANIDADE DOS ALIMENTOS
621	SARDINHA
622	SAÚDE INTEGRAL DA CRIANÇA
623	SAÚDE PÚBLICA

624	SECAGEM
625	SELEÇÃO DE ALIMENTOS
626	SEMIOLOGIA NUTRICIONAL
627	SEROTONINA
628	SERVIÇOS DE ALIMENTAÇÃO
629	SITUAÇÃO NUTRICIONAL
630	SOBRAS DE ALIMENTOS
631	SOBREMESAS
632	SOBREPESO
633	SÓDIO
634	SOJA
635	SUBSTÂNCIAS DIURÉTICAS
636	SUBSTRATOS ENERGÉTICOS
637	SUDORESE
638	SUPERCOMPENSAÇÃO DE GLICOGÊNIO
639	SUPLEMENTAÇÃO COM CÁLCIO
640	SUPLEMENTAÇÃO COM FERRO - SUPLEMENTAÇÃO COM FERRO AMINOÁCIDO QUELATO
641	SUPLEMENTAÇÃO DA DIETA
642	SUPLEMENTAÇÃO DE CAFÉINA
643	SUPLEMENTAÇÃO DE NUTRIENTES
644	SUPLEMENTAÇÃO DE POTÁSSIO
645	SUPLEMENTAÇÃO VITAMÍNICA
646	SUPLEMENTOS VITAMÍNICOS [INDUSTRIALIZADOS]
647	SUPORTE NUTRICIONAL
648	TAXA DE METABOLISMO BASAL
649	TECIDO ADIPOSEO
650	TÉCNICAS DE MANIPULAÇÃO E HIGIENE
651	TEMPO-TEMPERATURA DOS PROCESSOS
652	TEOR CALÓRICO
653	TEOR PROTÉICO
654	TERAPIA NUTRICIONAL
655	TERAPIA NUTRICIONAL ENTERAL
656	TERAPIA NUTRICIONAL VIA ORAL
657	TERMOGÊNESE
658	TERMOGÊNESE INDUZIDA PELA DIETA
659	TESTE DE ACEITABILIDADE
660	TEXTURA
661	TOLERÂNCIA À GLICOSE
662	TRANSIÇÃO NUTRICIONAL
663	TRANSTORNOS ALIMENTARES
664	TRANSTORNOS ALIMENTARES - TRANSTORNO ALIMENTAR
665	TRANSTORNOS DA DESNUTRIÇÃO INFANTIL
666	TRATAMENTO
667	TRATAMENTO NUTRICIONAL
668	TREINAMENTO AERÓBIO
669	TRIACILGLICERÓIS
670	TRIGLICERÍDEOS
671	TRIGLICERÍDIOS DE CADEIA MÉDIA - TCM

672	TRIPTOFANO
673	UNIDADE DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO
674	UNIDADE DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO - UAN
675	UNIDADES DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO - UANs
676	UTILIZAÇÃO LÍQUIDA DE PROTEÍNA - NPU
677	UTILIZAÇÃO RACIONAL DE ÁGUA
678	VALOR CALÓRICO TOTAL
679	VALOR ENERGÉTICO TOTAL
680	VALOR NUTRICIONAL
681	VALOR NUTRITIVO
682	VALORES NUTRITIVOS
683	VARIÁVEIS ANTROPOMÉTRICAS
684	VARIEDADE DE ALIMENTOS - VARIEDADE
685	VARIEDADE [DIETÉTICA] - VARIEDADE; VARIEDADE DA DIETA
686	VEGETAIS
687	VEGETARIANOS
688	VEGETARISMO
689	VERDURAS
690	VET [valor energético total]
691	VIGILÂNCIA ALIMENTAR E NUTRICIONAL
692	VISCOSIDADE
693	VISITAS DOMICILIARES - VISITA DOMICILIAR
694	VITAMINA A
695	VITAMINAS
696	ZINCO
697	ZINCO ALIMENTAR
698	ZINCO PLASMÁTICO
699	[ABSTINÊNCIA DE] ÁLCOOL
700	[ADIÇÃO DE] HORTALIÇAS
701	[ALIMENTOS] LIGHT
702	[AMAMENTAÇÃO] CONTINUADA
703	[AMAMENTAÇÃO] PREDOMINANTE
704	[CARACTERÍSTICAS] MICROBIOLÓGICAS
705	[CIRCUNFERÊNCIA DE] CINTURA
706	[CONDIÇÃO] DE NUTRIÇÃO
707	[CONSUMO DE] FRUTAS
708	[CONSUMO DE] HORTALIÇAS
709	[CONSUMO DE] LÍQUIDOS
710	[CONSUMO] DE CARNES
711	[CONSUMO] DE COLESTEROL
712	[CONSUMO] DE LEGUMINOSAS
713	[CONSUMO] DE MACRONUTRIENTES
714	[CONSUMO] DE PROTEÍNAS
715	[CONSUMO] DE ZINCO DIETÉTICO
716	[DEFICIÊNCIA DE] MINERAIS
717	[DIETA COM BAIXOS TEORES DE] FIBRAS
718	[DIETA COM BAIXOS TEORES DE] MINERAIS
719	[DIETA COM RESTRIÇÃO DE] FOSFATO

720	[DIETA COM RESTRIÇÃO DE] POTÁSSIO
721	[DIETA COM RESTRIÇÃO DE] PROTEÍNAS
722	[DIETA COM RESTRIÇÃO DE] SÓDIO
723	[DIETAS] HIDROLISADAS
724	[DIETAS] HIPERPROTÉICAS
725	[DIETAS] HIPOGLICÍDICAS
726	[DIETAS] NORMOGLICÍDICAS
727	[DIETAS] NORMOLIPÍDICAS
728	[DIETAS] NORMOPROTÉICAS
729	[DIETA] HIPERCALÓRICA
730	[DIETA] HIPOPROTÉICA
731	[DOBRA CUTÂNEA] SUBESCAPULAR
732	[DOBRA CUTÂNEA] TRICIPTAL
733	[ESTRUTURA] OPERACIONAL
734	[ESTRUTURA] ORGANIZACIONAL
735	[INDICADOR] ANTROPOMÉTRICO
736	[INDICADOR] DIETÉTICO
737	[INDICADOR] ESTATURA/IDADE - E/I
738	[ÍNDICE] ESTATURA / IDADE - E/I
739	[ÍNDICE] PESO / ESTATURA - P/E
740	[INFORMAÇÕES] DIETÉTICAS
741	[INGESTÃO ALIMENTAR DE] CALORIAS
742	[INGESTÃO ALIMENTAR DE] FIBRAS
743	[INGESTÃO ALIMENTAR DE] MICRONUTRIENTES
744	[INGESTÃO DE ÁCIDOS GRAXOS] MONOINSATURADOS
745	[INGESTÃO DE ALIMENTOS RICOS EM] FÓSFORO
746	[INGESTÃO DE] ÁCIDOS GRAXOS POLINSATURADOS
747	[INGESTÃO DE] CARBOIDRATO
748	[INGESTÃO DE] FERRO
749	[INGESTÃO DE] FÓSFORO
750	[INGESTÃO DE] GORDURA
751	[INGESTÃO DE] TOXINAS
752	[INGESTÃO] DE NUTRIENTES
753	[INGESTÃO] INSUFICIENTES DE FIBRAS
754	[NECESSIDADES] DE LIPÍDIOS
755	[PERFIL DE] NUTRIÇÃO
756	[PORTADORES] DE PARASITA INTESTINAL
757	[PREGA CUTÂNEA] SUBESCAPULAR
758	[PROPRIEDADES] NUTRICIONAIS
759	[PROTEÍNA DE] ALTO VALOR BIOLÓGICO
760	[SUPLEMENTAÇÃO COM] VITAMINA D
761	[SUPLEMENTAÇÃO DE] GLICEROL
762	[SUPLEMENTOS DE] MINERAIS INDUSTRIALIZADOS
763	[TEOR DE] CARBOIDRATOS
764	[TEOR DE] LÍPIDES

Apêndice C – Tabela de Verificação dos Termos